

Fausta Cardoso Pereira

**O Homem do Puzzle**



Para os meus pais  
Para o Ricardo e Inês  
Obrigada Ramiro



*Mas pense numa coisa: estamos num fractal,  
um movimento seu altera o fractal, caro Senhor  
Borboleta, por isso deve bater as asas como deve  
de ser.*

ANTÓNIO TABUCCHI, *O Anjo Negro*, 1991



I  
**O Homem**



# 1

O *puzzle* mais difícil do mundo viajou sobre os meus joelhos, no banco de trás do táxi. Era um peso morto, um corpo decomposto por nove mil peças, pretas e brancas, à espera de completarem a imagem do filme *A Saída da Fábrica* dos irmãos Lumière. No telejornal de ontem ouvi o Administrador da empresa Fábrica, que desenvolve estes jogos há mais de cinquenta anos, dizer: «O *puzzle* tem noventa e três centímetros de altura por um metro e quarenta e três de largura e as peças são cinzentas, umas mais escuras, outras mais claras, mas com diferenças muito ténues entre elas. E as diferenças são as pistas necessárias no trabalho minucioso que os *puzzles* requerem. Não tenho qualquer dúvida de que são reduzidas, talvez mesmo nulas, as probabilidades de alguém concluir este *puzzle*.» A jornalista, que provavelmente nunca fez *puzzles* de dificuldade para além da elementar, perguntou-lhe: «Porquê lançar um desafio que é impossível de concluir? Qual o propósito? Será que alguém vai comprar o *puzzle*?» O Administrador respondeu certo: «Quem gosta de *puzzles* sente prazer em ser desafiado. Não estamos à espera que este, em particular, venha a ser um campeão de vendas, mas será, sem qualquer dúvida, uma peça de colecção.» E assim o Administrador lançou o argumento inteligente para esgotar as primeiras unidades que saíram para as lojas. Mesmo quem não faz *puzzles*, viu neste um objecto de possível valorização, como se de um depósito a prazo se tratasse.



Fui a três papelarias onde tenho por hábito comprá-los e apenas na papelaria da Rua Direita não se encontrava colado, na vitrina, o papel com a indicação «*puzzle* esgotado».

– Olhe, está com sorte. Estou impressionado com a saída desta edição. O *puzzle* nem aqueceu a prateleira. Veja lá o senhor que chegaram ontem de manhã quatro unidades e hoje estou a vender-lhe a última.

– É realmente ...

Interrompeu-me.

– Nunca me aconteceu. Palavra de honra! Em mais de cinquenta anos com estabelecimento aberto, nunca vendi tão bem um *puzzle*.

– Sabe que ...

– Os cadernos com bonecada que os miúdos gostam têm grande saída no início das aulas, algumas revistas e um ou outro romance esgotam-se num abrir e fechar de olhos, mas *PUZZLES*? É a primeira vez.

– O senhor viu ...

– E este não é dos mais baratos. Muito pelo contrário. É talvez o *puzzle* mais caro que alguma vez vendi. Eu tenho cá para comigo que a maioria das pessoas nem vai abrir a caixa. Ou então abre e desiste logo. Compraram-no só porque apareceu no telejornal. As pessoas ligam muito à publicidade e ao que vêem na televisão.

– Pode ser por ...

– Não sei onde é que as pessoas conseguem encaixar tanta porcaria que compram. Ou têm casas muito grandes ou muito desarrumadas.

– Já agora ...

– Vou fazer-lhe um embrulho que é para não sair à rua com isto assim debaixo do braço. Ainda o assaltam! – E lançou uma gargalhada que os clientes do café ao lado devem ter ouvido.

Consegui dizer-lhe «obrigado» sem ser interrompido.

A tarde passara a noite, o ar gelava-me a cara e as mãos, logo hoje sem as luvas, sem o cachecol, logo hoje que andei às voltas pela cidade. Decidi então apanhar o táxi. O taxista era dos silenciosos, mas o rádio-táxi interrompia a calma com soluços aqui e ali, chamava motoristas a uma rua e a outra, para recolher um e mais outro cliente, primeiro

uma voz feminina, depois as masculinas em resposta. Este incómodo sonoro não era suficiente para impedir-me de ouvir o queixume das peças dentro da caixa, por deslizarem em todas as curvas, e imaginei-as cada vez mais baralhadas, sem ordem, em completo caos, como se fosse possível um caos maior do que o de um *puzzle* por começar.

Subi as escadas do prédio, entrei em casa e deposei-o na mesa de madeira que tenho no canto da sala, ao lado da janela. Encomendei-a a um marceneiro há seis anos e ali faço um *puzzle* de cada vez. É um quadrado perfeito com um metro e meio, com o tampo forrado a feltro verde, tal e qual a maioria das mesas de póquer. Assim, consigo fixar as peças sem correr o risco de deslizarem. Afastei-me da mesa e olhei a caixa. Eram sete horas do dia dez de Fevereiro e corria-me no sangue a urgência de despir o *puzzle*, de rasgar o papel cor de tijolo para o ver e inspirar-lhe o cheiro. Queria lançar-lhe as mãos em todo o volume ainda por ordenar e deslizar milimetricamente a ponta dos dedos pelas extremidades de cada peça, em busca de qualquer rugosidade que me ajudasse a identificar a individualidade de cada uma.

Mas não havia tempo para fazer as coisas como devem de ser feitas e os meus trinta e seis anos de vida ensinaram-me que a resposta imediata aos impulsos mais primitivos funciona como um fósforo, consome-se a si própria e no fim não resta absolutamente nada. Deixei-o à espera do dia seguinte, enquanto eu esperava que as horas me trouxessem a serenidade necessária para iniciar todas as etapas do meu ritual.

Só depois do trabalho voltei a aproximar-me da mesa com o feltro verde e então, num gesto rápido, rasguei o papel de embrulho. A embalagem revelava na tampa o que estava ainda por construir. Em tons cinza, como em tempos já foi o cinema, várias mulheres com saias em balão até aos pés saíam por duas portas, enquanto dois homens as cruzavam de bicicleta. A imagem foi retocada, porque se percebe com nitidez o contorno das figuras, enquanto no filme original os vultos caminham numa espécie de névoa que o tempo e a película pintaram. Num segundo plano, o preto é a cor predominante, mas ainda assim é possível ver os tectos interiores da fábrica, seguros por fortes vigas, talvez de ferro,

talvez de madeira. Levantei a tampa. O saco de plástico com todas as peças parecia uma barriga selada, mas transparente e cheia. Cortei-lhe uma boca com a tesoura, antes de o ar entrar, o cheiro metálico da tinta e do cartão precisou de sair para logo se dispersar pela sala. Coloquei a mão dentro do saco, senti a complexidade do jogo e aquele conjunto de peças monocromáticas acariciou-me como se de uma bacia de água morna se tratasse. Chegaram-me até ao cotovelo e partilharam com a minha pele o mesmo cheiro da sala. Eu tinha iniciado o processo.

Posicionei a tampa da caixa do *puzzle* à minha frente, com o desenho na direção imediata dos meus olhos, e na outra metade da caixa despejei todas as peças. Ordená-las é o passo seguinte, separá-las por uma característica como a cor ou a forma. Mas, no caso de *A Saída da Fábrica*, o preto, o cinzento e o branco não concedem muitas pistas, por isso, optei por ordená-las pela sua geometria. Uma a uma, as peças passaram-me pelas mãos, e este primeiro passo funciona sempre como uma espécie de reconhecimento, como se as peças se fossem apresentando para depois serem chamadas quando delas precisar e, em vez de mergulhar num universo indeterminado, procuro-as no monte com as características que preciso. Depois, encaixei as que formam os limites do *puzzle*, ou, como também se pode chamar, a moldura. Não se trata de um termo técnico, o que quero dizer é que é mais fácil desenhar-lhe o rectângulo e só depois preencher-lhe o interior. Esta tarefa costuma ser simples mas pode demorar várias horas, sempre com a cabeça inclinada para baixo, numa posição disciplinada.

Não sei quanto tempo passou. Talvez valesse a pena levantar-me, esticar o corpo, atirá-lo à cama para dormir um par de horas antes de voltar a ver todo o universo de cores que o dia traz. Tanto preto, cinzento, branco e verde até me podiam fazer mal. Mas não havia cansaço ou sono, apenas uma aceleração constante, e no meu interior tudo circulava a alta velocidade. O meu coração sentia-se numa urgência, como se estivesse preso num porta-bagagens, a bater na lata do carro com força e a gritar para o tirarem dali. Deitar-me não iria abrandar este movimento, pelo contrário, deixar-me-ia mais agitado por não estar

em frente ao *puzzle*, a encaixar uma peça de cada vez. Segui por mais uma ou duas horas, não sei bem. Voltei a conviver com a ausência de cores até ao momento em que o despertador do quarto tocou alto e me lembrou que seriam horas de acordar.

Fui arrancado à cadeira, contrariado, como quando acordo na cama e me apetece ficar mais cinco minutos e acabo por ficar mais dez, quinze, vinte. Queria continuar ali, na minha zona de conforto, no sossego do meu terceiro andar, com o Sol a girar pelo prédio, entrando na sala de manhã e à tarde na cozinha, até desaparecer outra vez. Eu passaria bem sem as rotinas do trabalho. Passaria bem sentado, todo o dia, em frente à mesa com o feltro verde e ocupado com o universo caótico de peças para ordenar numa ordem maior do que a exigida pela Empresa onde há mais de dez anos fecho os meus dias e cumpro com horários, regras, pressupostos, solicitações, para, no fim, ficar tudo na mesma, propositadamente disperso. Por lá, o poder e a gestão não são peças de um *puzzle*, com um lugar apenas, predestinado; são antes uma perda de tempo, porque há sempre alguém que quer manter pontas soltas, demasiadas, que os peões, como eu, devem encontrar e juntar, enquanto demonstram uma clara satisfação pelas tarefas, inglórias, que executam. Qualquer ordem ali será sempre desordenada e o meu trabalho nunca suficiente mas apenas uma ilusão do possível. Perdi a ambição de subir a escada visível da hierarquia porque na Empresa não há solução e o caos é intencional. Ganho apenas uma vida material e sigo contrariado, para cima e para baixo, com suspiros largados durante o dia, a despachar assuntos e com pressa de que as horas sejam rápidas. O *puzzle* espera por mim, e ele é o único com uma conclusão previsível, o único capaz de reunir nele próprio o princípio e o fim, um plano perfeito onde cada coisa tem o seu lugar, a recompensa pelo meu esforço.

Às seis e meia do dia doze de Fevereiro voltei para casa, ao jantar precozinhado, a precisar de ser aquecido no microondas, ao silêncio, à mesa com o feltro verde, à moldura já preparada para receber todas as peças, até à última.

Nessa noite voltei a convidar o preto, o cinzento e o branco a invadirem as minhas entranhas e a tomarem conta de um ser que, mais uma

vez, deixou de contar as horas que passavam. À medida que as peças desenhavam o fotograma captado pelos irmãos Lumière, causavam-me uma sensação ambígua de felicidade e tristeza. Cada peça bem-sucedida era menos uma peça no monte, o que deixava o desafio mais perto do fim, mas a imagem era tão cinzenta que a última peça encaixada era praticamente igual à penúltima. O sentimento de conquista e a perspectiva de plano geral, que me permitiriam ver o avanço do trabalho, não se faziam notar. Não foi a primeira vez que senti este tipo de princípio e fim num único segundo. Os *puzzles* com neve, mar ou grandes extensões de céu têm o mesmo efeito. Uma espécie de adiamento do resultado esperado, um sofrimento capaz de moer, à velocidade do caracol, o orgulho geralmente antecipado.

No entanto, as coisas não estavam a correr mal. Apenas a um ritmo mais baixo do que gostaria. O candeeiro iluminava as peças sempre iguais, como todas as noites que se seguiram. Depois de um dia no trabalho, sentado no conforto de finalmente estar onde deveria de estar, na sala, debruçado sobre o *puzzle*, o feltro verde desaparecia enquanto a minha cara ganhava auréolas escuras, como se eu devorasse as noites com os olhos.